



## TEREZA E OS RASTROS DE MEMÓRIA: AS ERVAS MEDICINAIS DA VIDA DE UMA *VECCHIA SIGNORA* (*in memoriam*)

**Amanda Pelisser** – pelisseramanda@gmail.com

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, UERGS, São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, Brasil;  
<https://orcid.org/0000-0002-4885-9418>

**Cristiano Pelisser** – cristianopelisser@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil;  
<https://orcid.org/0009-0007-3172-4369>

**Márcia dos Santos Ramos Berreta** – marcia.berreta@gmail.com

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, UERGS, São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, Brasil;  
<https://orcid.org/0000-0001-8302-091X>

**RESUMO:** A semente germinada fez florescer lembranças, produzir memórias e diversas narrativas e testemunhos a respeito de um passado que deixou marcas e rastros. Este artigo, nasce como fruto de uma dissertação de mestrado, a qual constituiu uma homenagem descritiva para minha avó Tereza Verônica Adamatti Isoppo (*in memoriam*). O estudo buscou compreender a história de vida presente na biografia dessa senhora e teve como objetivo principal recuperar pela memória da comunidade o papel biossocial e cultural da Dona Tereza. Além disso, a pesquisa permitiu promover um resgate dos saberes tradicionais em relação as plantas medicinais, ressaltando, por meio do esforço da memória, o misticismo presente na vida desta mulher. A pesquisa se desenvolveu por meio de um levantamento bibliográfico e entrevistas, bem como, por textos manuscritos pela própria Tereza. Os relatos das pessoas entrevistadas incidiram nos anos de 2021 e 2022, no Vale do Maquiné, litoral norte do estado do Rio Grande do Sul. Mediante a pesquisa realizada foi gerado o Produto do Mestrado profissional, que compõe um Livro em formato digital, representado por aquarelas de plantas medicinais ilustradas por meu irmão Cristiano Pelisser. As contribuições produzidas por este levantamento de cunho etnobotânico e etnoecológico possibilitou verificar que Tereza era detentora de um vasto conhecimento em relação ao uso de plantas medicinais, não obstante, criou laços marcantes na vida da sua localidade, trouxe às pessoas a cura pelas ervas e pelo acolhimento fraternal, sendo, portanto, para muitas pessoas uma inspiração no que diz respeito, aos enfrentamentos dos desafios da sociedade e da vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Plantas Medicinais; Memória Biocultural; Saberes tradicionais.

### 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa germinou de um sonho regado por minha avó materna – Senhora singela, de nome Tereza, porém detentora de um coração nobre, constituído por virtudes e valores, e, principalmente pelo sentimento do amor, ao próximo. Nesse desejo, nasce em minha pessoa o interesse de resgatar a história dessa “*Vecchia Signora*”, como ela mesma pronunciava no seu idioma de origem italiana; lembrar o seu passado, os seus saberes e costumes com as ervas medicinais e na retomada desse espaço, entre o tempo pretérito e presente, realçar o seu papel biocultural, construído por sua passagem aqui na Terra.

Para Vieira (2000) “o efeito da memória é levar-nos aos ausentes, para que estejamos com eles, e trazê-los a nós, para que estejam conosco” (Vieira, 2000, p. 43). E, assim nesse elo de encontros de diálogos entre passado e presente, por meio das lembranças tornar visível a essência de nossos antepassados e revelar os valores perpetuados ao longo de uma jornada cultural.

Ilustrado nas palavras de Ecléa Bosi: (Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem frígida). A autora ainda continua “o sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição” (Bosi, 2010, p. 31).

Deixando-me conduzir por esse anseio, de dar continuidade na história de minha avó, esse estudo desenvolve-se na sua Terra natal, no município de Maquiné, que se encontra situado dentro da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, caracterizando-se pela sua paisagem de exuberante beleza composta por nascentes, rios e cachoeiras, que juntamente com as chuvas contribuem para a quantidade e qualidade das águas da Lagoa dos Quadros. É nesse bioma e seus ecossistemas integrados que encontramos uma rica e diversa fauna e flora. Na fauna destacam-se aves e mamíferos, como araponga, macuco, surucuá-de-barriga-vermelha, veado-mateiro, cateto, puma, bugio-ruivo, entre outras espécies. Quanto à flora, é frequente a ocorrência de canelas, figueira, palmito, ingazeiro, cedro, louro, pinheiro brasileiro, e muitas outras espécies vegetais (Rio Grande do Sul, 2008).

A figura 1, na aquarela, representa o mapa do município de Maquiné, acompanhado de alguns pontos que determinam as localidades de estudo: Maquiné (Sede), Barra do Ouro, Cerrito, Pedra de Amolar e Garapiá.

Figura 1 – Mapa em aquarela do município de Maquiné/RS



Fonte: Ilustrado por Cristiano Pelisser (2021)

Além disso, Maquiné também guarda um pedacinho da Itália. É, impossível citar a imigração italiana no município, sem falar do Distrito de Barra do Ouro, primeiramente conhecido como antiga Colônia Marquês do Herval. Hoje, o Distrito se constitui em um povoado, formado por pequenas comunidades as quais chamamos de “Linhas”, que são: Linha Cachoeira, Linha Rio do Ouro, Linha Cerrito, junto a Serra do Umbu, ligando Barra do Ouro a São Francisco de Paula, Linha Pedra de Amolar, Linha Encantada, Linha Garapiá, Linha Forqueta, Pavão e Linha Rio Ligeiro.

Minha avó contava que os primeiros moradores italianos fixaram domínio na Colônia Marquês do Herval (atual Barra do Ouro). Vindos do norte da Itália, fixaram-se, primeiramente, em Caxias do Sul e, mais tarde, desceram pela Serra do Umbu, atraídos, entre outras razões, por um clima mais ameno e pela fertilidade do solo, que produzia “pannocchia di mais” (que quer dizer: espiga de milho em italiano), sustento básico da família e animais. Do milho moído se fazia “La bella e deliziosa Polenta” (A bela e deliciosa Polenta), alimento típico da culinária italiana.

Assim, é neste pedaço de chão com recantos de inigualável beleza cênica que o presente estudo envolve-se em uma narrativa cultural compreendendo, portanto, a pesquisa do tipo narrativa, que

compõe a matéria-prima para a História Oral (Cassab; Ruscheinsky, 2004). Traz em seu contexto uma abordagem qualitativa, que conforme Godoy (1995), permite a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos por meio do contato direto entre o pesquisador e a situação estudada. Algumas obras literárias foram fundamentais no auxílio deste estudo, dessa forma, autores como Bosi (2003; 2010), Toledo e Bassols (2009), Halbwachs (1990), Le Goff (2003), Alberti (2011) e Bobbio (1997), serão citados ao longo da narrativa.

## **2 AO ENCONTRO DA MEMÓRIA: REVIVER O PASSADO, RECORDAR UMA HISTÓRIA**

Em sua obra literária “Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos”, Bosi (2010), enfatiza que recordar se torna uma das funções sociais do idoso, ou seja, ele reconstrói o passado com o olhar do presente. Ademais, “um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos” (Bosi, 2010, p. 82). É, então, a partir deste recordar da minha avó, que no embalar do tempo, as narrativas um dia arquivadas pela oralidade e escrita desta velha senhora, desabrocham em minhas lembranças, levando-me apreciar por intermédio da memória a sua história cultural, não permitindo assim, o empalidecer da herança cultural de um grupo. Pois, como a própria autora menciona, a fisionomia identitária, principalmente dos velhos, sejam eles nossos pais ou avós, vai se empalidecendo ao decorrer dos tempos, se não forem revividas por conversas, fotos, leitura de cartas, depoimentos, meios pelos quais partilhavam suas experiências.

No conceito biológico a memória se define como a capacidade de adquirir, armazenar e registrar informações, tendo como fonte conservadora os distintos lobos do cérebro, os quais são nutridos e revigorados pelas lembranças. Logo, é na memória que estaria registrado o legado preservado de uma etnia ao longo dos tempos, ficando, portanto, disposto ao esquecimento. Minha avó demonstrava receio em perder a memória que carregava de passadas datas, e que por vezes, resultava de heranças dos seus antepassados. Portanto, sua aflição era, justamente, impedir que esta história se apagasse. Dizia, que a partilha das vivências e do saber adquirido era uma das formas de manter a herança cultural de um determinado grupo, para no futuro despertar o desejo pela busca de novas observações e novos saberes.

Conforme Régis (1997) o elemento memória remete a Grécia antiga onde os humanos inspirados por deuses, já viviam suas crenças mitológicas e compartilhavam um conjunto de histórias sobre a origem e destino do universo. Para o autor, a memória assumia grande importância em uma civilização sem escrita, pois dela dependia a propagação dos costumes e tradições. Halbwachs (1990) afirma que a memória por mais individual que possa ser, deve ser compreendida como um fenômeno social e coletivo, pois a sua construção embora, aconteça no presente, não deixa de selecionar acontecimentos de um tempo passado. Já, para Le Goff (2003) a memória é vista como a capacidade humana incumbida por

manter arquivado o passado, as experiências vividas. Logo, Alberti (2011) salienta que a memória é primordial a um grupo, visto que está unida a construção identitária do sujeito. E, Bobbio (1997) conclui que esse sentimento de pertencimento e reconhecimento de si, acontece por meio do ato da rememoração. Bosi (2010) vê no idoso a função social própria de rememorar, pois sua imaginação faz longos raptos em adereço ao passado e com maturidade elege perspectivas que considera valorosas no atual momento. Dentro deste contexto, Bosi (2010) sustenta a prática da rememoração, como sendo, uma das formas de dar voz ao sujeito idoso e de nutrir a sua integridade psicológica. Uma vez que na presença de um ouvinte atento, sua vida vai ganhando finalidade e passa a reconstruir seu senso identitário quando tem sua autoestima devolvida.

Lembro-me o quanto minha avó sentia-se valorizada e dotada de um sentimento de confiança, ao resgatar e compartilhar experiências do passado, despontando e delatando episódios que marcaram a sua história de vida.

Por meio de suas memórias e história de vida, a pessoa idosa se torna um edificador social e, à medida que nos aproximamos de sua herança cultural, podemos ter acesso a um mundo social dotado por uma diversidade e riqueza que não conhecemos, mas que nos é revelado por meio de suas lembranças narradas no presente (Bosi, 2010). Para Souza (1999), os idosos podem presentear a sociedade com grandes contribuições, devido à disposição de fixar lembranças e recordar fatos do passado com maior tenacidade, visto que, o registro de suas histórias de vida é um meio de construir nossa cultura.

Perante esses argumentos, ressaltamos a importância de dar voz as pessoas idosas, e de compreendermos sua contribuição histórica e social em nossa sociedade. Portanto, é fundamental escutá-los e deixá-los falar, para que assim, possam manifestar suas histórias, revelar suas experiências e traçar perspectivas do futuro (daquilo que será). Resgatar por meio da memória das pessoas idosas, suas narrativas de histórias de vida e experiências do passado ou daquilo que permaneceu desprezado, é necessário para a continuidade de sua própria identidade e para que novas gerações possam aprender com os testemunhos destes “detentores do conhecimento”.

## 2.1 VIDA E OBRA DE TEREZA

No dia 01 de julho de 1938, num pequeno e singelo lar, localizado na Linha Rio do Ouro no distrito de Barra do Ouro, nasceu Tereza, irmã de seis mulheres e seis homens, a nona filha do casal de agricultores Catarina Gatelli e Luiz Adamatti. Das mãos de uma parteira, se revelou mais uma vida, pois naquela época o acesso era difícil e não existiam médicos no lugar. Minha avó descrevia as parteiras como grandes mulheres, senhoras de um grande ofício; eram hospitaleiras, seus saberes constituíam-se num dom – Herança de Deus! Dizia ela!

Durante os cafés em sua casa, contava-me minha avó Tereza que seus avós vieram da Itália de uma comunidade conhecida por “Terre”, pertencente a região do nordeste do país, chamada Vêneto. Dizia-me ela, que a imigração de algumas famílias italianas no Brasil derivou na década de 80-90 (século XIX), pois o país enfrentava uma constante guerra. Não havia pacificação, e as consequências da batalha, fez com que, transformações socioeconômicas afetassem a vida e trabalho de muitas famílias. Devido à “ocupação sucessiva por diversos exércitos do norte da Itália, com danos à propriedade, desrespeito à dignidade da família, impedindo ou devastando plantações, aumentando a miséria por toda a parte” (Costa *et al.*, 1974, p. 18), as pessoas já não avistavam a permanência na nação como uma alternativa viável.

Relembro-me ainda, das palavras da minha terna vó, numa tarde de inverno, quando o sol, ainda resplandecente sobre o Vale, eu me sentara ao seu lado e apoiada na mesa posta para o café, na varanda de sua casa atenciosamente a escutava: “No início da colonização, aqui na Barra do Ouro, não havia médico, muito menos farmácia, não conhecíamos remédio, quando alguém adoecia o remédio era o chá de ervas medicinais, emplasto de argila, banhos ou pomadas.

Contava ela, que ao decorrer do tempo, os colonos passaram a ter relações comerciais com os municípios Rolante, Taquara, Caxias do Sul, também Osório. Por meio desse contato, puseram-se a transportar produtos como banha de suínos, feijão e cachaça, mercadorias bem aceitas pelos comerciantes. O transporte era feito no lombo de cavalos ou muitas vezes, em carretas, movidas por bois. Relembrou minha avó, que meu *biso*, na volta para casa, trazia alguns metros de tecidos de diferentes texturas e tonalidades de cores dos quais se confeccionavam as roupas para a família.

A infância de minha avó foi convivida por dificuldades, mas ela se dizia feliz ao lado dos irmãos e dos pais. Família cristã e de muita fé, onde a prática da educação, respeito e amor ao próximo se constituíam em ensinamentos diários. Da roça, obtinham o sustento e desde os nove anos de idade trabalhavam na lavoura e afazeres da casa. Faziam pomadas, chás caseiros, xaropes e garrafadas, para todos os procedimentos de cura se empregavam as ervas medicinais.

No florescer das estações, decorrido alguns anos, minha avó Tereza conheceu meu avô Luiz Isoppo, também filho de imigrantes italianos e aos 24 dias do mês de maio do ano de 1958, os dois se unem diante de Deus no matrimônio, realizando o tão sonhado casamento. Nesta vida de união, meus avós viveram com fé e imensa alegria. E, é nesta terra caracterizada por sua fertilidade e sentimentalismo, que Tereza implantou um quintal dedicado ao cultivo de plantas medicinais; dedicou-se aos estudos e com o Primário Grau de estudo completo (quinto ano) iniciou sua trajetória de educadora na localidade, no salão paroquial da Igreja São Marcos. Na sequência concluiu o Ginásio (ensino fundamental anos finais) e após o Segundo Grau (ensino médio). Conseqüentemente, dedicou-se por três anos ao Magistério, na Escola Técnica Ildefonso Simões Lopes Neto, no município de Osório. Na oportunidade

realizou cursos profissionalizantes, dedicados à área de Educação e à temática Plantas Medicinais. Neste mesmo espaço de tempo, minha avó começou a lecionar no Primeiro Colégio da comunidade da Pedra de Amolar, conhecido como Antônio Nicolau Konzen. No ano de 1992, atende o chamado à serviço de Deus e oferece o seu Sim generoso como Ministra Extraordinária da Sagrada Comunhão. Tereza representou em sua existência ser uma pessoa religiosa, que seguiu os dogmas da Igreja católica, além disso, foi sempre muito atenciosa com os indivíduos da sua comunidade, auxiliava principalmente com palavras de conselhos àqueles que a ela recorriam.

No entanto, para surpresa de todos, meu avô Luiz, é acometido pela enfermidade e logo o mês de agosto do ano de 1993, é carregado pelo luto de sua perda. Minha avó contara que o sentimento de solidão invadira a sua rotina por algum tempo, pois profunda tristeza lhe acometia pela ausência de seu companheiro. Mas, expunha ela que por mais difícil que estava sendo aquele momento, jamais deixara de orar. Intensificou suas orações, desafiando a dor da ausência e enfrentando as tristezas, buscando ressignificar sua vida diária.

Contava ela, que seu coração se transformou em abrigo da recordação da figura de meu avô, revelado por emoções e sentimentos. Foi neste momento de enfrentamento ao luto, que minha avó se devotou ainda mais, em relação as plantas medicinais, fazendo remédios caseiros e levando para os enfermos. Assim, ela seguiu conduzindo seus afazeres na comunidade, por meio de cursos aprimorou suas habilidades em relação as plantas medicinais, permanecendo sempre disposta a doar seu tempo a favor do bem. Neste contexto social, sua sabedoria foi sendo aperfeiçoada, e de tal modo, foi se construindo a memória de Tereza, no relacionamento com a família, com a profissão, com a comunidade, com a Igreja, enfim, com os grupos de convívio e com os grupos de referência peculiares a sua pessoa.

### **3 LEVANTAMENTO DE PLANTAS MEDICINAIS: OS SABERES TRADICIONAIS DE UMA *VECCHIA SIGNORA***

O Brasil abriga uma rica diversidade de plantas, com 46.097 espécies descritas (Flora do Brasil, 2015) e possui a maior biodiversidade florística do mundo (Magnusson *et al.*, 2016). Sua fitodiversidade é ampla, colocando o país em posição de destaque em relação ao patrimônio vegetal genético nacional (Nodori; Guerra, 1999).

Ao longo da história, a sociedade foi vivendo as mais diferentes relações ecológicas com o ambiente e esta diversidade, além do mais, permitiu nesta interação a subsistência de sua espécie (Amorozo, 1996). Nessa constante relação sistêmica com os ecossistemas os humanos encontraram nas plantas importantes contribuições medicinais e alimentícias, como forma de beneficiar a sua existência, com isso, construíram um acervo de informações com o meio que os cercava (Menezes, 2013; Amorozo,

1996). Assim, neste elo incessante, o conhecimento tradicional foi estabelecendo-se entre as diferentes culturas e povos existentes.

O conhecimento tradicional, também referido como “local e autóctone, é apreciado como uma junção de saberes e práticas em relação ao mundo natural e sobrenatural, propagado oralmente, de geração em geração” (Diegues; Arruda, 2001, p. 50). É considerado o bem mais valioso das comunidades locais (Dutt; Bhagat; Pandita, 2015). Conforme Amorozo (2002), o acesso a estes conhecimentos se torna importante para a compreensão e a valorização das culturas, formas de agir, de viver e conviver com o meio ambiente.

No entanto, cabe pronunciar que até a década de 1950, a ciência moderna não reconhecia estes saberes como um sistema cognitivo complexo, portanto, o conhecimento tradicional foi por muito tempo negligenciado e estudado de forma ambígua, não se considerando a ligação existente entre corpo de conhecimentos e práticas aplicadas (Toledo; Bassols, 2015).

Os conhecimentos tradicionais se edificam no método empírico, tendo como base experiências sociais, a observação e as demandas locais, criando com isso uma compreensão íntegra sobre os elementos naturais e suas relações com a vida humana. Habitualmente, esses conhecimentos encontram fundamentação no universo mítico e nos rituais que o sustentam (Hoffmann; Schirmer, 2020). Sua difusão transcorre principalmente, por meio da linguagem e não unicamente da escrita. Assim, em concordância com Toledo e Bassols (2009), a memória se torna um elemento de grande importância na vida dos sujeitos detentores desses conhecimentos e a arte da oralidade assume seu ponto central, permitindo a sua propagação e existência.

Segundo Elisabetsky (2000), os estudos nas temáticas medicinal e ambiental são consideradas uma das esferas do conhecimento tradicional as quais têm manifestado maior relevância entre os setores das sociedades nacionais, sobretudo por possibilitar o esforço na procura por novos ativos genéticos para a formulação de medicamentos.

Dentro deste contexto, um dos objetos de estudos dos conhecimentos medicinal e ambiental é representado pelas plantas medicinais, que de acordo com o Ministério da Saúde (MS), são definidas como vegetais que possuem diferentes ações biológicas, com a capacidade de aliviar, curar e prevenir enfermidades que acometem a saúde humana, sendo na maioria das vezes, empregadas em formas de chás e infusões (Brasil, 2020).

Sua utilização nas sociedades humanas retrata de longas datas, com registros há mais de 6000 anos, no Livro dos Vedas e há mais de 5000 anos atrás com receitas de remédios, usando em suas formulações diversas plantas pelos povos Sumérios (Jain; Mugdal, 1999; Kelly, 2009). Além disso, cita-se a composição da Farmacopeia escrita há mais de 2000 anos, pelos chineses (Wiart, 2007).

No Brasil, conforme Lorenzi e Matos (2008), o conhecimento referente as plantas medicinais, acontece com a chegada do povo europeu em terras brasileiras, no século XVI, quando a diversidade de plantas medicinais conhecidas pelo povo indígena, se atrela aos conhecimentos pertencentes ao povo europeu e àqueles trazidos da África pelos escravos.

O uso das plantas medicinais tem mostrado que além de fazer parte da evolução humana, estes vegetais foram utilizados pelos povos como um dos primeiros recursos terapêuticos, no tratamento, na profilaxia e na cura de doenças, representando um fator de grande importância para a manutenção das condições de saúde dos humanos (Vanini, 2010; Junior Pinto; Maciel, 2005). Ainda, outro aspecto cultural do uso de plantas medicinais, é a sua relação ritualística, relatada no estudo de Mendes (2018), como as práticas de benzeduras, rezas e simpatias.

No decorrer dos anos, as mudanças ocorridas nas décadas de 1980 e 1990 pelo modelo econômico, político e da saúde, permitiram com que o conhecimento tradicional, relacionado à algumas práticas de saúde, entre elas o uso de plantas medicinais para fins terapêuticos, fossem resgatadas, atuando de forma complementar ao exercício de saúde vigente (Alvin *et al.*, 2006). Como percebemos, as plantas medicinais sempre tiveram grande importância na cultura humana, e, hoje, seu uso é aprovado por meio da Política Nacional de Plantas Medicinais, regulamentada pelo Decreto nº 5.813, de junho de 22 de junho, do ano de 2006.

No presente, as plantas medicinais são frequentemente estudadas por disciplinas etnociêntíficas, como a etnobotânica e a etnoecologia. A etnobotânica é o ramo da ciência que resgata esse conhecimento adquirido pelas sociedades humanas, investigando as suas relações com as plantas em seus sistemas dinâmicos (Alcorn, 1995; Hanazaki, 2004) visando a conservação e descobertas de novas espécies (Albuquerque; Lucena; Cunha, 2010). Segundo os autores, essa etnociência estuda a conexão direta entre os humanos e as plantas de seu convívio, bem como os pensamentos desenvolvidos por estes indivíduos em relação as plantas e a exploração que se faz delas. Além disso, a etnobotânica, opera de modo mais restrito, contemplando os saberes populares, especialmente sobre as plantas alimentícias, medicinais, e até mesmo as utilizadas em construção (Carvalho, 2003; Elisabetsky, 2000).

São pesquisas que se constituem como uma ferramenta importante para a catalogação de informações úteis na conservação e valorização da cultura local (Soares *et al.*, 2015). No Brasil, destacamos a importância desses estudos, já que o país é detentor de uma das floras mais ricas do mundo, sem contar que o país é possuidor de uma grande diversidade cultural, composta pela miscigenação dos povos (Santos, 2009).

A etnoecologia, mais uma das disciplinas etnociêntíficas, de acordo com Toledo e Bassols (2009), sobrevém para romper os padrões convencionais impostos, revelando que existem outras formas válidas

e possíveis de se produzir conhecimentos. Conforme os mesmos, pode ser compreendida como o estudo dos conhecimentos tradicionais sobre as inter-relações com o meio ambiente.

Dentre as pesquisas que compõem a utilização de plantas medicinais, torna-se importante destacar que o conhecimento sobre as ervas caseiras está relacionado à cultura local, a fé e percepção da população e restringe-se em sua maioria aos mais velhos (Aziz *et al.*, 2017). Não obstante, Jain e Borthakur (1980), evidenciam que os saberes sobre as plantas medicinais estão articulados com aspectos da linguagem, da religião e da cultura, e dessa maneira, passam a ser declarados como valiosos para tais comunidades.

Para o município de Maquiné/RS, encontramos o estudo de Souza *et al.* (2004), que buscou avaliar as propriedades antimicrobianas de tinturas. E o trabalho de Erice (2015), ambos realizados na Farmacinha Caseira Comunitária, onde a autora destaca as mulheres como detentoras do conhecimento, citando as “Farmacinhas” como espaços de transformação e de grande importância na vida diária deste grupo feminino.

Para Batistti *et al.* (2013), os resultados de sua pesquisa realizada no município de Palmeiras das Missões/RS, demonstrou-se uma grande diversidade de espécies vegetais utilizadas por moradores locais, como agentes curativos e como uma forma de integração e cuidado recíproco nas comunidades.

Inclusive, espécies apontadas pelo uso popular já tiveram suas atividades biológicas comprovada em testes *in vitro*, um exemplo que se pode citar é a *Lippia Alba* (Mill.) N.E.Br, de nome popular erva-cidreira, segundo estudos de Santos e Inecco (2004), Blank *et al.* (2015), uma das espécies brasileiras mais utilizadas como medicinal no Brasil.

As comunidades tradicionais quilombolas, também são grupos que praticam o costume de seus descendentes e se destacam pelo uso e práticas de plantas medicinais. Confirmamos, no estudo de Silva e colaboradores (2019), realizado em três comunidades do Quilombo Amazônico a evidência de uma rica herança cultura local sobre os fazeres e saberes de plantas medicinais nessas comunidades. Ademais, as comunidades tradicionais indígenas são detentoras desse saber. No estudo etnobotânico, realizado por Coutinho *et al.* (2002), na Terra Indígena Araribóia, os mesmos relatam o vínculo mantido por estas comunidades na prática do uso remédios caseiros como forma de cura para muitas doenças, sendo que a principal planta utilizada para as preparações são as de grande porte, nativas ou introduzidas.

De tal modo, a partir das leituras realizadas, pode-se dizer que a utilização de plantas medicinais, compõe uma história influenciada pelo empirismo, caracterizando-se por práticas culturais, religiosas e terapêuticas que perpassam gerações e que ainda vem se mostrando corrente em determinados grupos sociais e principalmente em algumas comunidades tradicionais, tais como: os agricultores familiares, quilombolas e indígenas, entre outras, perpetuando memórias e contribuindo para a valorização da cultura e da biodiversidade local, bem como servindo de estímulo à conservação do meio ambiente e autogestão

dos recursos naturais. O uso das plantas medicinais perpetua-se pelas memórias e contribuem para a valorização da cultura e da biodiversidade local, bem como servem de estímulo à conservação do meio ambiente e autogestão dos recursos naturais.

### 3.1 AS PLANTAS ENCONTRADAS: CONHECIMENTO E USOS

Esta seção versa sobre as plantas medicinais mais utilizadas por D. Tereza, seus devidos preparos (receitas) e suas aplicações. Aqui relembro-me dos depoimentos manifestos, por essa senhora de uma memória admirável, que em conjunto com suas atividades diárias, me serviram de auxílio para inventariar as ervas medicinais usadas, bem como revelar suas experiências e saberes em relação ao uso das mesmas.

A Vó Tereza demonstrava conhecimento único em relação as plantas medicinais, conhecia e fazia uso de muitas ervas, mas acima de tudo demonstrava possuir fé em Deus. Dizia ela, que essa confiança conduzia a uma plenitude do Divino Espírito Santo, que a enchia de fortaleza e esperança.

Na maioria das vezes, ao chegarmos em sua casa minha avó estava no quintal, cultivando e cuidando das plantas. Recordo-me que ela me apresentava cada uma das plantas, nomeando-as e salientando a sua utilidade medicinal. Durante o diálogo, Tereza originava memórias, lembrando pessoas que recorriam a ela, em busca de seus remédios caseiros. Ela recordava, com aspecto de felicidade! Sempre dizia, que gostava de ensinar o que sabia a todos que a procuravam, pois com esta partilha, não haveria de se empalidecer o conhecimento a respeito das ervas, além disso classificava como importante o fornecimento e o intercâmbio de mudas entre os vizinhos, uma vez que, servia de estímulo à conservação de espécies.

Minha avó cultivava suas próprias ervas medicinais e com seu olhar conhecedor, distinguia cada uma das plantas presentes em seu quintal. Dessa forma, a fim de aproximarmos deste acervo de conhecimento, as principais espécies com potencial medicinal, utilizadas por minha avó, podem ser observadas no Quadro 1, na qual amostra a identificação de 27 plantas registradas, com alguns dados botânicos e doutras informações recomendadas por D. Tereza.

**Quadro 1** – Espécies com potencial medicinal e suas características, usadas por Tereza

ETNOESPÉCIE	FAMÍLIA/ESPÉCIE	HÁBITO	ORIGEM	PARTES	FORMA DE PREPARO	INDICAÇÃO
Abacateiro	Lauraceae/ <i>Persea americana</i> Mill.	Árvore	Exótica	Folhas Semente (caroço)	- Infusão das folhas; - Caroço ralado imerso no álcool, com a cânfora por 15 dias.	Diurético; afecções hepáticas; compressas do extrato da semente para dores nas articulações.
Agrião	Brassicaceae/ <i>Nasturtium officinale</i> R.Br.	Herbácea	Exótica	Toda a planta	-Saladas; - Sucos; - Suas folhas na adição de garrafada caseira.	Limpa as vias urinárias; estimulante e tônica dos órgãos digestivos; anemia.
Alecrim	Lamiaceae/ <i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Subarbusto	Exótica	Folhas; Sumidades florais	- Infusão	Dores de cabeça de origem tensional; fadiga; esgotamento; problemas digestivos.
Babosa	Asphodelaceae/ <i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Herbácea	Exótica	Folhas	- Gel extraído da folha	Cicatrizante em casos de queimaduras e ferimentos da pele.
Bardana	Asteraceae/ <i>Arctium lappa</i> L.	Subarbusto	Exótica	Folhas e raízes	- Infusão; - Decocção; - Cataplasma das folhas.	Depurativa; o cataplasma para furúnculos; dor e inflamação local.
Camomila	Asteraceae/ <i>Matricaria recutita</i> L.	Herbácea	Exótica	Inflorescências	- Infusão; - Banhos de assento; - Compressas.	Cólicas infantis, abdominais, menstruais, pós-parto; como calmante; doenças da pele, alergias, hemorroidas; assaduras.
Cana-cidreira	Poaceae/ <i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Gramínea herbácea	Exótica	Folhas	- Infusão	Nervosismo; ansiedade; insônia; gases; relaxante muscular; cólicas em geral.
Catinga-de-mulata	Asteraceae/ <i>Tanacetum vulgare</i> L.	Subarbusto	Exótica	Folhas	- Banhos de assento; - Associado com outras ervas.	É usada na garrafada caseira com outras ervas, para náuseas e estimular o apetite.
Confrei	Boraginaceae/ <i>Symphytum officinale</i> L.	Subarbusto	Exótica	Folhas e raízes	- Cataplasma; - Associado com outras ervas é feito a pomada.	Cicatrizante de feridas, queimaduras e outros ferimentos de pele.
Couve	Brassicaceae/ <i>Brassica oleracea</i> L. var. acephala	Herbácea	Exótica	Folhas	-Saladas; - Sucos; - Associado com outras ervas.	Bom para intestino preso e vesícula. Usa-se em garrafada caseira com outras ervas, contra a anemia.

ETNOESPÉCIE	FAMÍLIA/ESPÉCIE	HÁBITO	ORIGEM	PARTES	FORMA DE PREPARO	INDICAÇÃO
Dente-de-leão	Asteraceae/ <i>Taraxacum officinale</i> F.H. Wigg.	Herbácea	Exótica	Folhas e raízes	- Infusão; - Decocção; - Saladas.	Rica em vitaminas e minerais; é usada juntamente com outras ervas em garrafadas para anemia e para o fígado.
Erva-de-bugre	Salicaceae/ <i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Árvore	Nativa	Folhas	- Infusão	Para problemas de má circulação e colesterol alto.
Espinafre	Aizoaceae/ <i>Tetragonia tetragonoides</i> (Pall.) Kuntze	Herbácea	Exótica	Folhas e brotos	- Saladas; - Em garrafada caseira.	Rico e vitaminas e minerais, é um excelente aliado no tratamento para anemia.
Espinheira-santa	Celastraceae/ <i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. ex Reissek.	Árvore	Nativa	Folhas	- Decocção	Para males do sistema digestório, como azia, gastrite e úlceras.
Funcho	Apiaceae/ <i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Herbácea	Exótica	Toda a planta	- Infusão	Auxilia nos casos de flatulência
Fel-da-terra	Gentianaceae/ <i>Centaurium erythraea</i> Rafn.	Herbácea	Exótica	Folhas	- Infusão	Para males do fígado e como depurativo (limpa e purifica o organismo)
Guaco	Asteraceae/ <i>Mikania glomerata</i> Spreng.	Trepadeira sublenhosa	Nativa	Folhas	- Infusão; - É usado também em preparo de garrafada caseira.	Auxilia na expectoração; gripes; tônico e estimulante do apetite.
Hortelã	Lamiaceae/ <i>Mentha piperita</i> var. citrata (Ehrh) Briq.	Herbácea	Exótica	Folhas	- Infusão	Para sintomas gripais; dores de cabeça; insônia; fadiga; cólicas e má digestão.
Malva	Malvaceae/ <i>Malva sylvestris</i> L.	Herbácea	Exótica	Toda a planta	- Infusão; - Compressas; - Bochechos; - Pomada.	Para inflamações das vias digestivas, boca, garganta, gengiva, hemorroidas; Inflamações dos olhos e ouvidos, inflamação da bexiga, para tratar feridas, furúnculos e dor de dente.
Marcela	Asteraceae/ <i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	Herbácea	Nativa	Flores secas	- Infusão	Má digestão; diarreia; dores de cabeça; menstruação dolorosa; cólicas abdominais e estomacais; inflamações na vesícula.

(continua)

ETNOESPÉCIE	FAMÍLIA/ESPÉCIE	HÁBITO	ORIGEM	PARTES	FORMA DE PREPARO	INDICAÇÃO
Pariparoba	Piperaceae/ <i>Piper umbellatum</i> L.	Subarbusto	Nativa	Folhas	- Infusão; - Cataplasma.	Como diurética; para pressão alta; A cataplasma de suas folhas são utilizadas, para furúnculos, feridas e queimaduras leves.
Parreira	Vitaceae/ <i>Vitis vinifera</i> L.	Arbusto	Exótica	Folhas	- Infusão	Reposição hormonal e efeitos indesejados da menopausa.
Poejo	Lamiaceae/ <i>Mentha pulegium</i> L.	Herbácea	Exótica	Partes aéreas	- Infusão	Para tosse, resfriados, gripes (problemas respiratórios); dores de barriga em crianças.
Picão-preto	Asteraceae/ <i>Bidens pilosa</i> L.	Herbácea	Exótica (naturalizada)	Partes aéreas	- Infusão; - Usado também em preparo de garrafada caseira, associado com outras ervas.	Hepatite; Doenças do fígado.
Sálvia	Lamiaceae/ <i>Salvia officinalis</i> L.	Herbácea	Exótica	Toda a planta	- Infusão; - Bochechos; - Inalação da fumaça da sálvia.	Indigestão; Cólicas menstruais; Infecções na boca e garganta; Enxaqueca; Ansiedade; problemas de bronquite e asma.
Salsa	Apiaceae/ <i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss.	Herbácea	Exótica	Raiz	- Infusão; - Cataplasma; - Associada com outras ervas em preparo de garrafada caseira.	Retenção de urina; Males da bexiga; Anemia; Abscessos e furúnculos.
Urtigão-do-mato	Urticaceae/ <i>Urtica bacifera</i> (L.) Gaudich.ex Wedd.	Subarbusto	Nativa	Caulé, raízes e folhas	- Na preparação de garrafada caseira; - Infusão; - Decocção.	Rica em vitaminas e sais minerais, auxilia no tratamento para anemia; Diabetes; Anti-inflamatória.

Legenda: **Nativa:** natural de um determinado ecossistema ou região; **Exótica:** organismo encontrado fora da sua área de ocorrência natural; **Naturalizada:** organismo não nativo, com grande capacidade adaptativa, criando populações sem intervenção humana. **Herbácea:** de consistência tenra; **Arbusto:** planta lenhosa, de até seis metros de altura, cujo caule emite ramificações próximas ao solo; **Subarbusto:** menor que o arbusto, cujos ramos mais altos morrem a cada período de crescimento. **Árvore:** planta lenhosa, geralmente de grande porte e com copada definida, de caule ereto, emite ramificações distantes do solo.

Fonte: Pelisser (2023)

No quadro anterior, observamos uma listagem de 27 etnoespécies, utilizadas e cultivadas por minha avó. A maioria era de fácil acesso, pois a encontrava em seu quintal. No entanto, espécies como o urtigão-do-mato, erva-de-bugre, pariparoba e fel-da-terra, minha avó, coletava na mata, em locais específicos de sua ocorrência, realizando um manejo sustentável das espécies e ao mesmo tempo favorecendo a conservação dos recursos naturais. Dizia ela que deveríamos respeitar o período para retirada, permitindo assim, que a planta se restaure.

As demais, que cultivava no seu quintal, possuía o hábito de selecionar as mais vigorosas, transplantar e produzir novas mudas, para que assim, na hora da coleta as ervas estivessem sempre com o aspecto sadio. Ela dizia que determinadas plantas vão enfraquecendo e até a regeneração, para viver seu novo ciclo de vida, é importante que as plantas sejam substituídas para manter uma boa produtividade e qualidade.

Cabe destacar que autores como Toledo e Bassols (2009), percebem o ciclo de vida das plantas como um fator importante para o produtor rural que as cultiva, uma vez que, estes por meio do conhecimento sobre o manejo dos elementos geográficos, biológicos e genético, e dos processos ecológicos, como ciclos de vida e sucessão ecológica, realizam um trabalho de manutenção, favorecendo a subsistência da espécie.

As práticas tradicionais de minha avó, também instruíam a respeito do cultivo em relação às fases lunares, por conseguinte, conforme a Lua predominante determinava-se a época para plantio e colheita de plantas, controle natural de agentes patogênicos e daninhas, bem como, para manutenção das plantas. Observava as luas e detalhava: “Lua crescente – para as folhas; Lua minguante – para raízes, ou seja, tudo

aquilo que cresce imerso na terra; Lua cheia – para cabeças e Lua nova – para tudo aquilo que deve florescer?”. De acordo, com Toledo e Bassols (2009), assuntos como épocas do ano ou fases lunares estão precisamente conexos ao cultivo de plantas. Os autores ainda realçam que para efetivação dos processos produtivos, é relevante que os produtores rurais portem conhecimento em relação as diferentes dinâmicas da natureza, dentre elas os ciclos lunares.

Embora portando a bagagem do conhecimento (*corpus*) e da prática (*praxis*), em relação ao uso e cultivo de plantas medicinais, minha avó se nutria pela permanência de suas crenças (*kosmos*). Portava a imagem de alguns santos, as quais possuía devoção e no silêncio de suas orações se preparava constantemente. Tereza, vivenciava em suas atitudes e obras a prática espiritual da penitência que dizia ela ser uma oferta voluntária de renunciar algo que desejamos, em favor de uma aproximação maior de Deus e amor ao próximo. Espiritualidade, fé e divindade versavam três sentimentos bastante presentes nos conhecimentos expressos diariamente por minha avó. Ela demonstrava possuir muita fé em Deus, fé nas ervas que cultivava e fé em seu dom de produzir remédios caseiros à base de plantas. Me recordo que durante o preparo das suas garrafadas, Tereza pronunciava suas orações, lançando o sinal da Cruz e abençoando àquele remédio, invocando o nome santo de Jesus.

Conforme Silva (2018), a crença em determinada divindade ou algo transcendente é um aspecto comum observado em pesquisas de cunho etnoecológico. Segundo Demetrio (2016), crenças e fé simbolizam os ritos de um povo, sendo por intermédio da fé em Deus, que a crença é reforçada em algo que não se pode ver, nem tocar, mas pressentir. Na fé as crenças se fortalecem avivando as tradições passadas, no desejo de perpetuar os costumes dos antepassados. Assim, envolta de misticismo e coberta de uma sublime certeza divina que minha avó prosseguia, com o terço na mão e com o coração repleto de um sentimento de fazer o bem ao próximo.

#### **4 DEPOENTES: UM LUGAR DE LEMBRANÇAS E ENCONTRO COM A HISTÓRIA ORAL**

Para Meihy (2000), história oral “é sempre uma história do tempo presente, também reconhecida como história viva, atestando sua capacidade de manter algo em estado atual” (Meihy, 2000, p. 25). Dentro deste contexto, cabe destacar que a oralidade se apresenta como uma característica marcante durante a coleta de dados.

Ecléa Bosi (1994) aborda que as lembranças são construídas coletivamente e se trata de uma memória individual que existe pela memória coletiva, de certo modo, ela é lembrada a partir de um grupo. Dessa forma, entre encontros e reencontros, por meio dos depoimentos de um grupo de pessoas entrevistadas, compreenderemos um pouco mais sobre as marcas deixadas por minha avó Tereza. Assim, ao rememorar o passado em um tempo presente, os entrevistados transformam vivências em memórias,

algo que não pode ser esquecido por eles. Assim, neste capítulo são trazidos em cena, alguns dos depoimentos coletados ao longo desta caminhada de pesquisa.

“Muitas vezes procurei ela, muitas vezes mesmo, para pedir conselhos e para me ajudar com as coisas da vida. Eu me espelhava nela, ela era um exemplo de mulher. Quanta saudade! A tua vó era uma referência pra comunidade e todo mundo aqui e aos arredores sentiu muito a falta dela. Nos deixou uma lição de fé! Ah! Perdemos um grande membro de nossa comunidade” (D. Suzana, 2021).

“Era referência boa pra nós aqui. Pra tua vó não tinha hora do dia, tava sempre pronta pra ajudar, se desdobrava que minha Nossa Senhora. A tua vó deixou uma missão bem bonita. Ela cumpriu a missão dela aqui na Terra, que era uma pessoa boa que Deus botou pra ajudar a gente. Nós acreditava e confiava nela” (D. Marieta, 2021).

“Tua vó foi muito importante pra mim, foi uma amiga foi uma mãe. Eu precisava de alguma coisa e ela tava ali, sempre pronta pra me ajudar. Meu Deus! A Terezinha pra mim era tudo. Sinto saudade! Foi uma pessoa boa, daquela humildade... Foi sempre pronta, humilde e serviçal para todos, ela não se cansava. Ela tinha o dom da palavra. Foi um testemunho de vida, uma inspiração, uma pessoa que me inspirava e nos enchia de fé, com aquela força dela” (D. Vroni, 2021).

“Tua vó foi uma pessoa muito boa, uma pessoa do bem. Ela sempre dava bons conselhos também, tinha o dom da palavra. Sempre foi bastante amiga, então a gente sempre se sentia muito bem e a vontade quando estava na presença dela. Ela sempre com muita atenção nos escutava, tinha bons ouvidos. Foi uma companhia muito boa, uma amiga” (D. Laine, 2021).

“A minha amiga Tereza ou Terezinha, como te chamávamos: Partistes, fostes chamada ao descanso celestial. Mas teu legado ficou, nunca serás esquecida. Amiga fiel, confiante, esperançosa. Mulher de fé e generosidade infinita. Capacidade Divina. Foste uma estrela guia sempre compreendendo o sentimento do outro. Teu exemplo de mãe, esposa, vó e mestra brilhará para sempre. Obrigada a Deus por ter feito parte da minha vida, da minha história, ter me ensinado a refletir e meditar os propósitos da vida. Com tua presença, consolo e solicitude, ainda soam tuas palavras: Confia na Palavra de Deus e na força do Espírito Santo. Continue brilhando sobre nós para que busquemos a Cristo e com Ele a plenitude da vida” (D. Elena, 2021).

Cabe destacar que os próximos depoimentos, foram coletados nas entrevistas que ocorreram no ano de 2022, entre os meses de fevereiro a março.

“A tua avó Tereza foi muito importante na minha vida, ela me ajudou muito. O convívio ao lado dela foi muito gratificante. Deixou muitos frutos. Ela nos ensinou a sempre pensar positivo, a nunca desanimar ou desistir. Isso ela tinha muito! Além dos remédios de ervas que ela fazia, tinha o dom da palavra. Sempre levantava a gente com suas palavras quando se estava triste, e a gente melhorava. Ela sempre via o lado melhor das coisas, nos fazendo compreender que existe a misericórdia de Deus. Fazia a celebração da Missa com palavras do Espírito Santo. Então o que eu posso dizer, pra me despedir, é que a tua vó me recorda eterna gratidão. Pela pessoa que ela foi, por ter convivido com ela, gratidão resume tudo” (D. Florentina, 2022).

A próxima entrevista foi realizada com a Tia Gema, irmã mais nova de minha avó. Em tal ocasião, a emoção e a saudade submergem em minha alma e na tentativa de suavizar meu íntimo, medito em sua fala final:

“Enfim, Terezinha foi um testemunho de vida, uma inspiração em tudo o que fazia, o que ensinava e como ela vivia. Te digo que ela está sempre presente em minha vida. Amanda! Sei que é muita dor e saudade, mas é uma alegria saber que nos deixou consolados com o exemplo de vida que ela viveu. Que a vó em nome de Santa Terezinha do Menino Jesus te proteja sempre. Amém” (D. Gema, 2022).

“Do médico eu buscava o que a medicina podia. Da tua vó, eu buscava a espiritualidade. Ela representou muito pra mim, seu carisma, ética e moral me ajudaram ser quem eu sou. Foi minha amiga e confidente e sua importância na minha vida, foi a de uma mãe. Três lições ela me deixou: a caridade, o perdão e a fé em Deus. Posso dizer, que lembrar dela, é como voltar no tempo e ver a presença dela viva na memória e por onde ela andasse. Te amo TETÉ! Assim, muitas vezes eu a chamava” (D. Alda, 2022).

“Dona Tereza representava a paz, a alegria, o ensinamento e o amor ao próximo. Ela foi muito importante na minha vida. Deixou saudades à comunidade, pelo ser humano incrível que ela era. Foi e sempre será uma mulher de garra e de orgulho a todos que a conhecia. Ela sempre será lembrada pela amizade, pela lealdade, pelo apoio a todos que ela conhecia. Fazer o bem e amar ao próximo são as lições que a dona Tereza me deixou. As lembranças e as longas conversas que tive com ela, ficarão guardadas na memória, os seus ensinamentos serão pra sempre” (D. Aldevina, 2022).

A última entrevista realizada foi com D. Dóris, nossa vizinha, porém, mais próxima da morada de minha avó. Nosso momento de diálogo foi composto de boas recordações a respeito da pessoa de minha avó, motivo, o qual desencadeou mais saudade ainda, do seu gesto de amor, da sua atitude de caridade e da sabedoria que com todos compartilhava. Abaixo, segue seu depoimento final:

“Pra mim a Tereza representava uma mulher de sabedoria, de muita fé, acolhedora e solidária. Foi pra mim uma segunda mãe, e sempre digo pra todos, que a partida dela me abalou muito. Ela foi pra mim, uma conselheira, uma médica da natureza, àquele ser humano que sempre plantou coisas boas em sua comunidade. O que tenho de conhecimento hoje, muitas coisas aprendi com ela e sempre procuro repassar o que aprendi, podendo assim, ajudar outras pessoas. Muitas coisas me ficaram com seus ensinamentos, mas algumas dúvidas, ainda recorro a Marisa, sua filha. Jamais vou esquecer da pessoa que foi a Tereza, sentimos a sua falta” (D. Dóris, 2022).

## 5 EXPERIÊNCIAS, IMPRESSÕES E MEMÓRIAS: MENSAGEM DE UMA NETA PARA SUA AVÓ

Neste capítulo utilizo a carta, como um gênero textual de comunicação, para homenagear a minha avó, bem como, alicerçar um compromisso de seguimento aos seus ensinamentos. Assim, trago nesta seção pequenos trechos extraídos da dissertação. E, por meio desta reflexão, procuro buscar na memória

uma história de vida vivida, recuperar o tempo passado, relembando-o no momento presente, inspirando o sagrado e exalando o entusiasmo.

Às vezes, silêncio minha mente e sentada nos pés daquela figueira, longe de todos me pego orando e olhando para a imensidão do céu e da insólita paisagem que a senhora tanto contemplava, atribuindo-a como obra do Criador. É como se você estivesse ali me observando, mas de repente, tudo parece passageiro, nós, o tempo, o agora, até mesmo o silêncio. Mas compreendo que dessa busca silenciosa e reflexiva, nasce a paz e nela experimento e vivencio a evolução de que meu espírito necessita nesta jornada da vida. Você me inspirava e me fazia forte! Foi neste tempo ao teu lado que apreciei o amor e sua reciprocidade. Eternizei memórias, conheci-te melhor, dividimos e partilhamos de confidências e anseios que nos tornavam semelhantes. Tua ancestralidade tem histórias e tem marcas, que me fizeram encarar a dor, para transformá-la num lugar de constante reflexão e aprendizado.

Vó! Porém, o teu adeus me atingiu de surpresa, incidindo justamente nos nossos melhores momentos. Lembro que a senhora sempre foi forte e perseverante, mas nos seus últimos dias, sentia-se frágil e abatida, mesmo não querendo demonstrar, você dizia que estava bem. Como sempre, parecia que não queria, nos deixar preocupados. De repente, a falta de oxigênio em seu organismo, fez com que a senhora fosse levada para o hospital e lá ficou por algumas semanas. Lembro quando meu pai e eu fomos visitá-la, quanta alegria a minha e da senhora. Àquele seu sorriso me ficou impresso na memória, recordo-me como se fosse hoje. Inesperadamente, recebo uma ligação comunicando que eu deveria comparecer para posse de nomeação do concurso prestado. Vó! Não tem como descrever a nossa felicidade e cumplicidade, né! Juntas, louvamos a Deus por nos brindar com esta conquista. Senti, o quanto a senhora ficou motivada e emocionada pela notícia. Não vou esquecer, daquele teu abraço caloroso e das suas mãos me abençoando, mandando ir sem demoras

No mês de abril de 2020, a senhora escolheu abandonar a sua residência para residir em Maquiné, na casa de minha tia, pois seu estado de saúde agravou e não podia ficar muito tempo sem o auxílio do oxigênio. Não foi fácil, para nós, nem para senhora, eu imagino. Confesso que eu sentia falta dos nossos cafés, dos nossos chás, da tua companhia direta, pois já não nos víamos com a mesma frequência de antes.

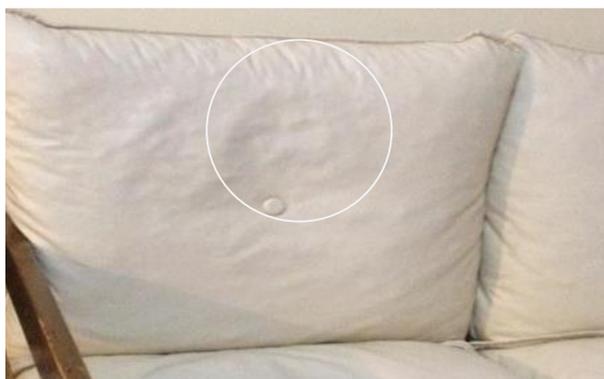
Recém chegávamos ao meio de maio, meu mês favorito, mês de Nossa Senhora, mês em que comemoramos o Dia das Mães e mês que no dia 23, celebro e louvo a Deus, por mais um ano na presença das pessoas que eu amo. Mas de repente, aquele brilho que para mim se renovava nesta estação perde a sua vitalidade e gradualmente os dias enfraquecem a sua cor, simbolizando dias de tristeza e dor.

No domingo, dia 10 do decorrente mês e ano, nosso Dia das Mães, foi diferente, pois faltava a senhora aqui em casa, porém você estava no hospital em Porto Alegre, aguardando sua cirurgia cardíaca. Fui te visitar, abraçamo-nos com muito afago e você sussurrou no meu ouvido, enquanto suas mãos

calorosas seguravam firmemente as minhas: “Amanda! A vó te ama e sempre vai continuar rezando por ti. Não te esqueças, continue se doando, pois toda obra de caridade, se torna recompensa no céu”. Exatamente, no dia 13 de maio, dia de Nossa Senhora de Fátima, com a colaboração de vários profissionais da saúde, a senhora entrou para sala de cirurgia.

No dia 15, sexta-feira, recebemos a notícia de que seu estado de saúde, havia agravado intensamente, o que nos fortaleceu ainda mais na oração. Todavia, eu me desatava em pranto, pois em cada batida do meu coração, eu sentia que a vó nos deixaria. Era quase noite, no celular uma mensagem da equipe médica anunciando que os danos cerebrais de Dona Tereza eram irreversíveis, sendo muito raro as chances de sobrevivência. Porém, eu ainda tinha esperança de que você pudesse reagir vó, mesmo assim, revelo não conseguir estancar as minhas lágrimas. Meus pais e tio, à sua maneira me consolavam, no entanto, naquele momento eu não compreenderia o que significava a morte. Por mais, que naquele instante, alguém com palavras tentasse me confortar, não resolveria, eu só queria permanecer sozinha, respirar profundo e extrair minhas próprias reflexões e dores, buscando um significado para elas. Enquanto isso, meus pais faziam um chá na cozinha e eu sozinha no sofá de casa, fixava meu olhar, adorando Jesus na Cruz de um terço trazido da Itália, o qual me foi dado como lembrança por um sacerdote, ao tempo que eu desejava em meu íntimo, não me rebelar contra Jesus, já que naquela dor eu sentia-me tão desamparada, desviei meus olhos para a poltrona branca que ficava a minha frente, quando de repente, uma imagem de intensa luminosidade aparecia na almofada. Eu discerni uma face, a qual para mim, sem dúvidas, demonstrava a Face de Cristo (Fig. 2).

**Figura 2** – Aparição da Face de Cristo



Fonte: acervo fotográfico dos pesquisadores

Sábado, dia 16 de maio de 2020, senti minha esperança destruída e as lágrimas que agora vertiam eram causadas pela dor da sua morte.

No dia de seu sepultamento, você estava coberta por flores brancas e parecia estar dormindo docemente. Sua morte foi sublime, é como se a senhora estivesse revestida da beleza do Senhor. No

entanto, não foi fácil enfrentar aquela cena, de dizer adeus à senhora. Busquei naquela hora, meditar em Jesus e alimentar o meu coração do Seu amor imortal.

Os dias se passavam vagarosamente e tudo parecia confuso. Findar o mês de maio sem a tua presença, exigiu esforço, boa vontade e perseverança, pois, de repente tudo ficou escuro. Confesso que meu coração se abriu para o luto, vó. Aprisione a saudade, manifestando melancolia pela tua partida. Parecia que meus olhos não mais avistavam a cor nítida e brilhosa daquela estação. Ao transcorrer do tempo fui adquirindo a fortaleza de Espírito para conviver com a tua falta diariamente. O que me saciava um pouco a saudade eram e são os sonhos que tinha e tenho com senhora vó. Para mim, significam muito e se tornaram inspiradores para continuação da minha caminhada de estudos, e o mais importante é que eu sempre via você feliz, trazendo-me uma mensagem de conforto, esperança e muitas vezes, sinalizando os trajetos a serem seguidos, presenteando-me até mesmo com obras literárias que me auxiliaram ao longo deste percurso. Assim, nessa magnitude espiritual os dias foram acontecendo. Eu e a mãe prosseguimos cultivando as tuas ervas e propagando a tua fé. Persisto firme seguindo os teus rastros, devotada daquele amor impregnado pela senhora e nessa continuidade sigo a regar as tuas sementes imersas na terra, eternizando os saberes construídos ao longo de uma história.

Querida vó Tereza, ainda tenho tanto para contar, mas nossa conversa não termina aqui...Contudo, vou me despedindo da senhora e lhe dizendo um até breve convicta de que num tempo além, um dia qualquer nos reencontraremos. A sua partida deixou saudades..., mas, o seu amor deixou memórias que ninguém pode acabar.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O passado é um presente que insiste em não passar,  
pois está marcado em minha memória  
e faz parte da minha história (Mário Quintana).*

Se cheguei até aqui, é porque a semente que um dia foi lançada enfim, germinou produzindo flores e frutos para dar vez a uma nova estação.

Essa pesquisa manifestou várias memórias, amadureceu sentimentos e proporcionou um resgate histórico familiar, o qual se constituiu sem sombra de dúvida, como um desafio pessoal no percurso de memória, seguindo os rastros de minha avó Tereza Verônica Adamatti Isoppo, que foi esposa de Luis Isoppo, deixou três netos homens e uma neta mulher e foi cultivadora de saberes tradicionais sobre as ervas medicinais, professora, catequista e ministra eucarística na comunidade de Pedra de Amolar e arredores.

Introduzir-se no mundo das memórias é como rever àquele velho álbum de fotografias e cartas antigas, é como se estivéssemos viajando no tempo. Para alguns é uma forma de recordar os momentos

especiais de um tempo ocorrido, para outros, um alívio da dor ou ainda, um sentimento reconfortante. Permanecemos sempre admirados no ato das recordações, exalando lembranças de um momento passado. E esse rememorar faz parte de nós, desperta nossos sentidos, produz emoções como a saudade, alegria, o medo, a tristeza e tantas outras possíveis.

Ao rememorar, estamos conservando viva não somente as lembranças, mas também, uma história, um passado e até mesmo uma continuação do ser identitário, do ser cultural e do ser biológico (Baniwa, 2015). Para Le Goff (2003), é por intermédio da memória que reevocamos as coisas passadas, abraçamos os presentes e contemplamos as futuras com base no que passou.

Dessa forma, recordar é trazer uma parte do passado para o presente. E foi nesse escopo que fomos em busca de penetrar em algumas memórias, acalentar as falas emotivas, os sentimentos envolvidos, até mesmo o silêncio, quando este se fazia presente narrando assim, as experiências colhidas. E, concordo com Ecléa de que a fala emotiva incide em frações, carregando inúmeros significados que nos aproximam da verdade. “Aprendemos a amar esse discurso tateante, suas pausas, suas franjas com fios perdidos, quase irreparáveis” (Bosi, 2003. P. 65). Perceber os significados que estas memórias transportam é, simplesmente se permitir envolver nos sentimentos e recordações de um tempo, deixando-se assim, embalar com os diferentes ventos.

Seguindo nos rastros, não sabia eu de que vestígios do tempo preservados no velho baú da casa de minha avó poderiam se transformar num estudo que pudesse levar para diversos espaços e com narrativas diversas referente a um passado ainda próximo, mais complexo de significados e acontecimentos que cunharam marcas.

Cultivar e vislumbrar o crescimento desse projeto, me fez recordar e reconhecer parte da história não somente de minha avó, mas também a história do meu próprio ser. E, ao deparar-me com o passado, num tempo presente, apreciei, rememorei e revivi histórias, as quais hoje com meus quase 29 anos, posso dizer que as concebi com um outro olhar e as escutei de uma outra forma. Compreendi também, nesta caminhada que havia a estação certa para florescer e que durante a arte do pesquisar era necessário inspirar e expirar diversas vezes. Além disso, as obras consultadas nesta fase dos trabalhos, proporcionou-me ampliar os conhecimentos, não apenas com relação à história milenar das plantas medicinais, mas sobretudo, no papel exercido pela oralidade e memória dentro da história como um todo.

Ao longo desta conquista de descobertas da etnociência, reencontrei pessoas que me auxiliaram de alguma forma, a ver e a entender onde eu poderia chegar.

Poder homenagear e dedicar este trabalho para minha avó Tereza é com certeza uma grande satisfação pessoal e profissional, cumprida com um sentimento de alegria.

Não tenho dúvidas de que as inquietações foram muitas, mas diante delas desfrutamos experiências e refletimos inúmeras formas de se fazer e conduzir um estudo. Pondero, apesar disso, que

esse trabalho proporcionou navegar no passado, permitiu encontros e reencontros, nos aproximando de uma dimensão que vai além da extensão terrena.

O estudo nos proporcionou constatar que Tereza possuía um contato diário com as plantas medicinais e seus saberes tradicionais a respeito do uso das mesmas eram incentivados e propagados por ela na comunidade local. Percebemos que os conhecimentos adquiridos ao longo dessa pesquisa não se extinguíram e ainda se observa a formação de uma base das suas práticas na utilização de plantas medicinais e, principalmente, no enraizamento do seu misticismo. Além disso, as vivências de Tereza traduzidas por ela em forma de discurso e a apropriação dos saberes religiosos lhes permitiu realizar mudanças no espaço social, porque as experiências refletem suas trajetórias de vida, bem como a dos membros da sua comunidade.

A memória presente na biografia de Tereza, nos mostra uma vida cheia de alegria juntamente com vivências que proporcionaram a construção da sua identidade. Os depoimentos coletados, ratificaram que Tereza foi uma grande mulher, transmitiu as pessoas de uma forma positiva uma visão de mundo que mostra uma realidade de vivências, existência, experiências, lembranças, e conhecimento através da trajetória vivida. São momentos marcantes que nos inspiram a enfrentar os desafios do cotidiano, da sociedade e da vida.

Por fim, posso dizer que esta pesquisa fez aflorar uma nova forma de melhor compreender o alongado trajeto experimentado por minha avó, também da minha própria trajetória ao seu lado e seguramente me certifico de que modificou a forma de eu senti-la e vivê-la doravante.

Exalto assim, sobre a importância social e científica do tema que se aderiu aos aspectos oriundos da etnoecologia e da etnobotânica, tendo em seu contorno traços advindos de um trabalho originado pelo esforço da memória e articulado por meio da oralidade de longos testemunhos e narrativas.

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi fruto da dissertação do Curso de Mestrado Profissional em Ambiente e Sustentabilidade, ofertado pela Universidade Estadual do Rio Grande Sul (UERGS).

Agradeço a todos os depoentes por partilhar suas vivências a respeito da pessoa de Dona Tereza, recordando um passado que ainda vivo se mantém em suas memórias.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: PINSKI, Carla Bassanezi (organizadora). *Fontes históricas*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de; CUNHA, L. V. F. C. da. (Orgs.). *Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica etnoecológica*. Recife: NUPPEA, 2010. p. 41-64.

ALCORN, J. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: ed. Schultes, R. E. & vom Reis, S. *Ethnobotany: evolution of a discipline*. Portland: Discorides Press., p. 23-39, 1995.

ALVIN, N. A. T. *et al.* O uso de plantas medicinais como recurso terapêutico: das influências da formação profissional às implicações éticas e legais de sua aplicabilidade como extensão da prática de cuidar realizada pela enfermeira. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v.14, n.3, p. 316-326, 2006.

AMOROZO, M. C. M. A abordagem Etnobotânica na Pesquisa de Plantas Medicinais. p. 47-67. In: DISTASI, L. C. *Plantas Medicinais: Arte e Ciência: um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

AMOROZO, M. C. M. Use and diversity of medicinal plants in Santo Antonio do Leverger, MT, Brazil. *Acta Botanica Brasílica*, v. 16, n. 2, p. 189-203, 2002.

AZIZ, M. A. *et al.* Traditional uses of medicinal plants reported by the indigenous communities and local herbal practitioners of Bajaur Agency, Federally Administrated Tribal Areas, Pakistan. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 198, p. 268-281, 2017.

BANIWA, G. *Os indígenas antropólogo: desafios e perspectivas*, em Novos Debates. p. 233-243. Fórum de debates em Antropologia/ABA. V.2. N1. 2015.

BATTISTI, C. *et al.* Plantas medicinais utilizadas no município de Palmeira das Missões, RS, Brasil. *Revista Brasileira de Ciências*, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 338-348, jul./set. 2013.

BLANK, A.F *et al.* Chemical Diversity in *Lippia alba* (Mill.) N.E. Brown Germplasm. *The Scientific World Journal*, p. 11-15. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Medicamentos Fitoterápicos e Plantas Medicinais*. 2020. Disponível: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/medicamentos/fitoterapicos>. Acesso em: 5 mar. 2020.

BRASIL. *Decreto nº 5.813 de 22 de junho de 2006*. Aprova a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/decreto/d5813.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5813.htm). Acesso em: 5 mar. 2021.

BOBBIO, N. *O tempo da memória – de senectude e outros escritos autobiográficos*: Rio de Janeiro, Campus, 1997.

BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BOSI, E. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio da Psicologia Social*. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CASSAB, L. A.; RUSCHEINSKY, A. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. *Biblos*, v. 16, p. 7-24, 2004.

CARVALHO, P. E. R. *Espécies arbóreas brasileiras*. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003.

COSTA, Rovílio. COSTELLA, Irineu. SALAME, Pedro. SALAME, Paulo. Antecedentes, vida e costumes da imigração italiana no Rio Grande do Sul. In: COSTA, Rovílio. COSTELLA, Irineu. SALAME, P. SALAME, Paulo. (org.). *Imigração italiana no Rio Grande do Sul: vida, costumes e tradições*. Porto Alegre: Sulina, 1974. p. 8-25.

COUTINHO, D. F. *et al.* Estudo Etnobotânico de Plantas Medicinais Utilizadas em Comunidades Indígenas no Estado do Maranhão – Brasil. *Visão Acadêmica*, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 7-12, jan./jun.2002.

DEMETRIO, A. M. V. A cura pelas mãos ou pela fé? Técnica e a fé nas manifestações culturais na Zona Rural de Manaus-AM. *Cronos: R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN*, Natal, v. 17, n. 1, jan./jun. 2016.

DIEGUES, A. C. S.; ARRUDA, P. S. V. *Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil*. Brasília; MMA. 2001.

DUTT, H. C.; BHAGAT, N.; PANDITA, S. Oral traditional knowledge on medicinal plants I jeopardy among Gaddi shepherds in hills of northwestern Himalaya, J&K, India. *Journal of Ethnopharmacology*, v.168, p.337–348, 2015.

ELISABETSKY, E. Etnofarmacologia como ferramenta na busca de substâncias ativas. In: Simões, C.M.O.; Schenkel, E.P.; Gosmann, G. (eds.). *Farmacognosia: da planta ao medicamento*. 2 ed. Porto Alegre / Florianópolis: Universidades UFRGS / UFSC, p.87-99, 2000.

ERICE, A. S. *Espaço de Vida, Espaço de Luta: Um Estudo Etnográfico na Farmacinha Comunitária da Solidão em Maquine, Rio Grande do Sul*. 2015. 157 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, RS, UFRGS/PPGDR, 2013.

FLORA DO BRASIL. THE BRAZIL FLORA GROUP. Growing knowledge: an overview of seed plant diversity in Brazil. *Rodriguésia*. v. 66, n. 4, p. 1085-113. 2015.

GODOY, A.S. Introdução a Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades: Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n.2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HANAZAKI, N. Etnobotânica. In: *Ecologia Humana de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia*. São Paulo: FAPESP/HUCITEC, p. 37-57. 2004.

HOFFMANN, M.B.; SCHIRMER, S.B.; Memória Biocultural e Licenciatura em Educação do Campo: diálogo necessário para resistência e esperança. In: FUCHS, H.L.; ZORZI, F.; SOARES, F.N.A. (Org.) *Resistência e Esperança em tempos estranhos*. Bento Gonçalves: Zoli, 2020.

JAIN, S. K.; MUDGAL, V. *A hand book of ethnobotany*. Bishen Singh Mahendra Pal Singh, 1999.

JAIN, S. K.; BORTHAKUR, S. K. Ethnobotany of the Mikirs of India. *Economic Botany*, v. 34, n. 3, p. 264-272, 1980.

JUNIOR V.F.V.; PINTO, A.C.; MACIEL, M, A.M. Medicinal plants: safe cure? *Quím. Nova*, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 520-528, May. /jun. 2005.

KELLY, K. *The history of medicine*. Early Civilizations: Prehistoric Times to 500 CE. Infobase Publishing, 2009.

LE GOFF, J. *História e memória*. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003. 553 p.

LORENZI, H.; MATOS F. J. A. *Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. 3.ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008.

MAGNUSSON, W. E. et al. (2016). O programa de pesquisa em biodiversidade. In: Peixoto AL, Luz JRP, Brito MA (org.). *Conhecendo a biodiversidade*. MCTI, CNPq, PPBio, Brasília. p. 15-34.

MEIHY, J. C. S. B. *Manual de história oral*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2000. p.111.

MENDES, D. S.; CAVAS, C. S. T. Benzedeiras e benzedeiros quilombolas – construindo identidades culturais. *Interações*, Campo Grande, MS, v. 19, n. 1, p. 3-14, 2018.

MENEZES, R. V. *Levantamento etnobotânico e etnofarmacológico de espécies medicinais em agroecossistemas de quintais no município de Santo Amaro/Ba*. 2013. 91f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Solos e Qualidades de Ecossistemas, Cruz das Almas, 2013.

NODORI, R. O; GUERRA M. P (1999). Biodiversidade: aspectos biológicos, geográficos, legais e éticos. In: C.M.O. SIMÕES et al. (eds.). *Farmacognosia da planta ao medicamento*. Porto Alegre, Editoras UFRGS/UFSC. 11-24.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria Estadual do Meio Ambiente. Unidades de Conservação. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://www.sema.rs.gov.br/unidades-de-conservacao-estaduais>. Acesso em agosto de 2023.

SANTOS, F. S. *As plantas brasileiras, os jesuítas e os indígenas do Brasil: História e Ciência na Triaga Brasília (séc.XVII-XVIII)*. São Paulo:Casa do Novo Autor, 2009. 240 p.

SANTOS, M.R.A.; INECCO, R. Adubação orgânica e altura do corte da erva-cidreira brasileira. *Horticultura Brasileira*, v.22, n.2, p.182-5, 2004.

SILVA, A. S. S da. *Etnoconhecimento sobre plantas medicinais e inter-relações com o meio ambiente na comunidade do Catu, Canguaretama (RN, Brasil)*. 2018. 82 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Pró – Reitoria de Pós-Graduação; Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Ambiente/PRODEMA, 2018.

SILVA da A. C et al. Plantas medicinais e seus usos em um Quilombo Amazônico: o caso da comunidade quilombola do Abacatal, Ananindeua (PA). *Rev. Nufen: Phenom. Interd.* Belém, V. 11, n. 3, p. 113-136, set./dez., 2019.

SOARES, F. P et al. Estudo etnofarmacológico e etnobotânico de *Himatanthus drasticus* (Mart.) Plumel (janaguba). *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, Campinas, v. 17, n. 4, supl. 2, p. 900-908, 2015.

SOUZA, E. M de. *Reminiscências: o papel social das lembranças*. *Gerontologia*, v.7, n. 2, p. 28-31, 1999.

SOUZA, G.C et al. Farmácias caseiras comunitárias do município de Maquiné (RS): Uma avaliação etnofarmacológica. *Rev. Bras. PL. MED.* Boocatu, v. 6, n. 2. p. 83-91, 2004.

TOLEDO, Victor M.; BARRERA-BASSOLS, Narciso. *A Memória Biocultural: A importância ecológica das sabedorias tradicionais*. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

TOLEDO, Vítor M. BARRERA-BASSOLS, Narciso. *A Etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais*. Desenvolvimento e Meio Ambiente, Editora UFPR, n. 20, p. 31-45, jul./dez. 2009.

VANINI, Marisa. *Uso de plantas medicinais em um território quilombola do município de Mostardas - Rio Grande do Sul*. 2010. 90f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pelotas. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Pelotas, RS, 2010.

VIEIRA, A. *Sermões*: Padre Antônio Vieira. Organização e introdução: Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, 2000. Tomo segundo, p. 31-52.

WIART, C. *Ethnopharmacology of medicinal plants*. Humana Press Incorporated, 2007.

**Title**

Tereza and the traces of memory: medicinal herbs in the life of a *vecchia signora* (*in memoriam*).

**Abstract**

The germinated seed made memories blossom, producing memories and diverse narratives and testimonies about a past that left marks and traces. This article was born as the result of a master's thesis, which was a descriptive homage to my grandmother Tereza Verônica Adamatti Isoppo (*in memoriam*). The study sought to understand the life story present in this lady's biography and had as its main objective to recover, through the memory of the community, the biosocial and cultural role of Dona Tereza. In addition, the research allowed promoting a rescue of traditional knowledge in relation to medicinal plants, highlighting, through the effort of memory, the mysticism present in this woman's life. The research was developed through a bibliographic survey and interviews, as well as texts handwritten by Tereza herself. The reports of the people interviewed focused on the years 2021 and 2022, in the Maquiné Valley, on the north coast of the state of Rio Grande do Sul. watercolors of medicinal plants illustrated by my brother Cristiano Pelisser. The contributions produced by this ethnobotanical and ethnoecological survey made it possible to verify that Tereza had a vast knowledge regarding the use of medicinal plants, nevertheless, she created remarkable ties in the life of her locality, brought people healing through herbs and for the fraternal welcome, being, therefore, for many people an inspiration when it comes to facing the challenges of society and life.

**Keywords**

Medicinal Plants; Biocultural Memory; Traditional knowledge.

---

Recebido em: 02/06/2023

Aceito em: 15/08/2023